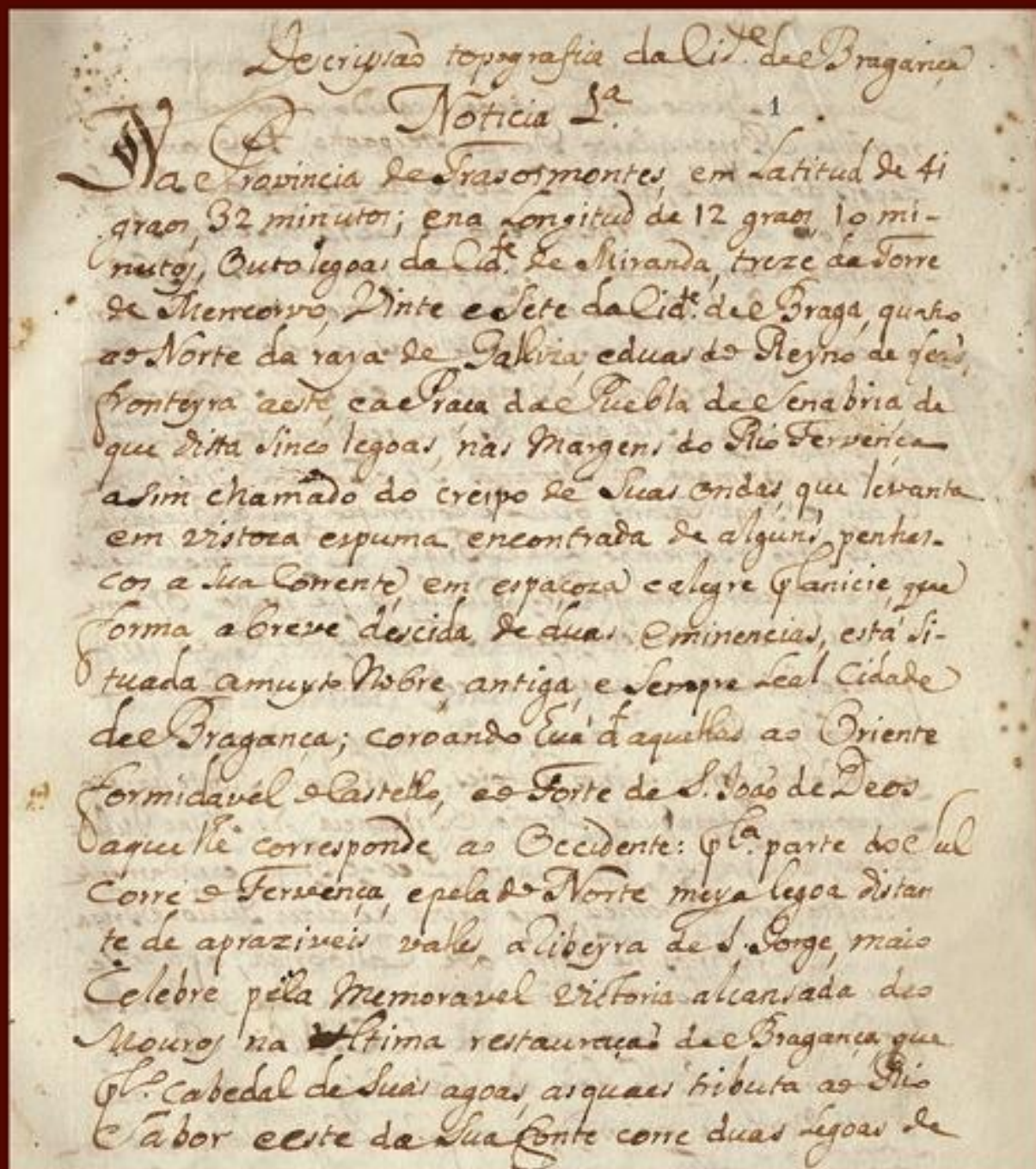


MEMÓRIAS DE BRAGANÇA

Coordenação Fernando de Sousa



MEMÓRIAS DE BRAGANÇA

Coordenação
Fernando de Sousa

Autores

Bruno Rodrigues
Cátia Ferreira
Diogo Ferreira
Fernando de Sousa
Filomena Melo
José Augusto de Sotomayor-Pizarro
Luís Alexandre Rodrigues
Maria da Graça Martins
Paula Barros
Ricardo Rocha
Virgílio Tavares



A

Francisco Manuel Alves

José de Castro

Virgílio Taborda

três dos autores

mais importantes

para o conhecimento

da história de Bragança







ÍNDICE

15 Introdução

I Parte

21 1 . Génese e importância das *Memórias de Bragança*

21 1.1. O autor das *Memórias de Bragança*

22 1.2. Estrutura das *Memórias de Bragança*

27 1.3. Importância das *Memórias de Bragança*

27 1.3.1. O texto de Cardoso Borges correspondeu às solicitações da Academia da História?

29 1.3.2. As *Memórias de Bragança* são originais, rigorosas e autênticas? Obedeceram ao “culto da verdade”, como pretendia a Academia?

35 1.3.3. As “*Memórias*” de Bragança são idênticas às “*Memórias*” de Vila Real e de Chaves?

38 2 . Bragança em 1721 – Estruturas político-administrativas, fiscais, militares e eclesiásticas

39 2.1. O concelho de Bragança e sua administração

44 2.2. Privilégios, festas e rendimentos da Câmara de Bragança

46 2.3. Ouvidoria de Bragança

47 2.4. Juízo do Almojarifado da Fazenda Real

50 2.5. Juízo dos Órfãos

50 2.6. Alfândega

51 2.7. Organização Militar

51 2.8. Organização eclesiástica

53 3 . A Economia de Bragança em 1721

56 4 . A Sociedade de Bragança em 1721

56 4.1. Nobreza

57 4.2. Clero

58 4.3. Povo

59 5 . Para uma história da arqueologia de Bragança

61 6 . Para uma história da arte e do urbanismo de Bragança

71 7 . Para uma história das mentalidades

72 7.1. Confrarias e irmandades

72 7.2. Festividades e cerimónias religiosas

73 7.3. Milagres

76 7.4. A imagem de Bragança através de Cardoso Borges – entre a tradição e a razão

81 Conclusão

84 Notas

II Parte

- 87 As Memórias de Bragança – do original à transcrição**
- 89 As Memórias de Bragança, de José Cardoso Borges**
- 93 Parte I – Descrição Topográfica da Cidade de Bragança**
- 93 Notícia 1.^a**
- 101 Notícia 2.^a | Dividida Bragança em três partes, castelo, cidade e forte, principiando da primeira, se dá [notícia] da milagrosa imagem de Nossa Senhora do Sardão, padroeira da mesma cidade, da sua colegiada e catálogo dos seus priores**
- 110 Notícia 3.^a | Da fundação do castelo, desvanecendo outras que dele há menos verdadeiras, com o catálogo dos seus alcaides-mores**
- 124 Notícia 4.^a | Dos Paços da Câmara, festas que soleniza por voto, suas rendas e regalias**
- 131 Notícia 5.^a | Das igrejas, mosteiros e capelas que estão na cidade e suas fundações**
- 160 Notícia 6.^a | Do Forte de S. João de Deus**
- 161 Notícia 7.^a | Das ermidas que estão fora da cidade**
- 166 Notícia 8.^a | Das fontes**
- 167 Notícia 9.^a | Dos mosteiros, colégios, hospícios e outras igrejas que esta cidade teve**
- 181 Parte II – Genealogia das Famílias Nobres**
- 181 Notícia 10.^a | Dos Solares de Bragança**
- 205 Notícia 11.^a | Dos Morgados**
- 233 Notícia 12.^a | Ferreiras de Bragança que trazem origem da casa de Cavaleiros**
- 248 Notícia n.º 13 | Ferreiras da Torre de Moncorvo**
- 251 Parte III – Origens da cidade de Bragança**
- 251 Notícia 14.^a | Dos progressos da cidade de Bragança do tempo da sua fundação até ao conde Henrique**
- 294 Advertências às notícias que tenho dado**
- 300 Notas ao texto manuscrito de José Cardoso Borges**
- 303 Fontes e Bibliografia*
- 309 Abstract*
- 323 Sobre os autores*
- 329 Índice analítico*



Em pouco mais do que uma década, o município de Bragança desenvolveu uma produção bibliográfica e cultural de destaque, considerando no âmbito das políticas de gestão a necessária melhoria do estudo e compreensão da importância histórica e a razão de ser próprias de Bragança. Assumimos pois, como orientação política, tendo em vista construir um futuro melhor e de maior sustentabilidade, ir ao encontro do passado, salvaguardar elementos essenciais nos quais se alicerçam as memórias, aumentar o conhecimento das nossas raízes e a compreensão dos valores fundamentais que sustentaram o percurso de povos que ao longo de milénios habitaram nestas terras e nos transmitiram um vasto legado histórico.

São muitos os estudos de investigação sobre Bragança e a Região. Não podendo referir todos, há pelo menos três que os melhores autores citam como referências obrigatórias para todos os investigadores: *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, de Francisco Manuel Alves; *Bragança e Miranda*, de José de Castro; *Alto Trás-os-Montes – Estudo Geográfico*, de Virgílio Taborda.

Muitos outros estudos têm sido editados, o município superou já as três dezenas e, de entre estes e outros, destaco: *Os Bragançons – História Genealógica de uma Linhagem Medieval (séculos XI e XIII)*, de Soares Machado; *Bragança um Olhar sobre a História*, vol. I e II, de diversos investigadores; *Bragança Marca a História, a História Marca Bragança*, de diversos investigadores; *História da Indústria das Sedas em Trás-os-Montes*, de Fernando Sousa; *Bragança no Século XVIII, Urbanismo e Arquitectura*, de Luís Alexandre Rodrigues; *Pastorais dos Bispos de Miranda do Douro e Bragança*, de Carlos de Oliveira; e *As Freguesias do Distrito de Bragança nas Memórias Paroquiais de 1758*, da Universidade do Minho.

A principal razão de ser desta primeira edição das *Memórias de Bragança*, a mais importante fonte da História de Bragança até ao século XX, deve-se ao Professor Fernando de Sousa, que frequentemente me

referia constituírem as *Memórias de Bragança*, elaboradas por José Cardoso Borges no período de 1721 a 1724, uma fonte histórica de elevado valor, insubstituível e de consulta obrigatória para os investigadores que se debruçam sobre a história da cidade, sendo que os mais destacados historiadores o têm feito, sensibilizando-me para a importância de os investigadores e cidadãos em geral disporem desta valiosa fonte devidamente organizada em termos temáticos, cronológicos e em português atual.

Trabalho notável, elaborado por José Cardoso Borges, homem culto, escrivão da Câmara Municipal e que aceitou do Senado da Câmara de Bragança a tarefa de reunir todas as notícias que constassem do arquivo municipal, para as enviar à Academia Real da História, conforme ordem escrita de D. João V. Evidenciou elevada preparação para a importante missão a que D. João V conferiu âmbito nacional, memoriais que se constituíram como os primeiros inquéritos sistematizados para o território continental.

José Cardoso Borges não se limitou ao arquivo municipal, consultou obras de arquivos de instituições de referência, o que lhe permitiu assegurar elevada autenticidade à valiosa informação que enviou à Academia Real da História. Acentuou no conjunto das notícias enviadas, a forte identidade e o prestígio de Bragança no contexto do Reino, pelo carácter excepcional das suas origens míticas, pela presença significativa de ordens religiosas, pela vida cultural própria e pela ligação à Casa de Bragança e à fundação do Reino de Portugal. Deixou outras abordagens de fora, situações sociais e políticas que enfraqueciam alguns setores da sociedade brigantina, sendo que os relatos positivos efetuados antecedem um período de afirmação de Bragança que, na segunda metade do século XVIII, era a maior e mais rica cidade da região, apesar de ter sido devastada no ano de 1711 e de nos anos de 1756-1763 ter sofrido nova agressão espanhola.

O Professor Catedrático Fernando de Sousa, investigador de referência em particular sobre os territórios de Trás-os-Montes, tem sabido agregar à volta do CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, um grupo de investigadores, no qual se incluem alguns de Bragança, incentivando-os, proporcionando oportunidades e entusiasmo para que o conhecimento social e económico da Região se estruture em bases científicas sólidas; por isso o município tem confiado ao CEPESE este e outros trabalhos, como seja *Bragança Contemporânea*, em elaboração, período da história que o Professor Fernando de Sousa me referiu ser necessário aprofundar e que, conjuntamente com a *Bibliografia do Distrito de Bragança*, de Hironidino Fernandes, em fase de edição, se constituirão como novas fontes de consulta obrigatória que valorizam o trabalho editorial do município, para que o passado, o presente e o futuro continuem a dignificar Bragança.

António Jorge Nunes

Presidente da Câmara Municipal de Bragança

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO



Gravura de Vieira Lusitano alusiva à criação da Academia Real da História Portuguesa

“descrições” das principais vilas e cidades dos reinos, de forma a obter-se um conhecimento mais rigoroso das terras e das gentes, que os reis e os Governos, até então, não possuíam.

Em 1720, na sequência desse vasto movimento europeu de renovação cultural e científica, que levou à criação de numerosas academias, sob inspiração da Academia Francesa, fundada em 1635 por Richelieu, e da Real Academia Espanhola, nascida em 1713, surgiu, em Portugal, a *Academia Real da História Portuguesa* (precedendo, assim, em 15 anos, a Real Academia de História da Espanha), com a finalidade de “estudar e escrever a história eclesiástica destes reinos e depois tudo o que pertencer a toda a história deles, e de suas conquistas”¹. O propósito da Academia da História era, pois, a elaboração de “uma e outra história”, de uma história “monumental” de Portugal.

Logo em 1721, em ordem à prossecução de tal objetivo, a Academia Real da História Portuguesa enviou cartas régias às autoridades civis e eclesiásticas do Reino, acompanhadas de *interrogatórios* ou *memoriais*, os quais estão na origem dos primeiros inquéritos sistematizados efetuados em Portugal à escala nacional.

Em virtude de tais determinações, as câmaras, com maior ou menor zelo, procuraram compilar, sob a forma de *relações* ou *notícias*, as informações que puderam alcançar, a partir dos arquivos e cartórios municipais, mas também da observação direta, a fim de, posteriormente, as enviarem à Academia.

Por outro lado, seguindo idênticas instruções, os prelados diocesanos e respetivos cabidos enviaram aos seus párocos, cópias dos questionários da Academia, a fim de aqueles, em obediência a tais modelos, comporem as *informações*, *relações* ou *notícias* da sua respetiva freguesia.

Assim se compreende a existência de tais fontes que, embora obedecendo a um mesmo propósito, e revelando-se, em determinados momentos, complementares, são, por vezes, de natureza diversa, uma vez que resultam de interpretações que nem sempre respeitaram os inquéritos recebidos².

Em 1721, D. João V enviou uma carta ao Senado da Câmara de Bragança, ordenando que se remetessem à Academia Real da História todas as *notícias* que constassem do arquivo municipal.

Carta Régia

Ordenando às Câmaras do Reino, deem, para uso da Real Academia da História Portuguesa, as notícias necessárias, e que tiverem nos seus cartórios.

Juiz, vereadores e procuradores da Câmara da vila de.....Eu El-Rei vos envio muito saudar: tenho resoluto que se escreva a História Eclesiástica deste Reino, e suas Conquistas, e depois desta, outra que contenha as ações políticas militares dos senhores reis destes Reinos, e da Nação Portuguesa, para o que fui servido instituir uma Academia, debaixo da minha proteção, à qual é precisão se lhe deem de todos os arquivos e cartórios as notícias, que devem e podem servir a uma e outra História, e assim vos ordeno, que logo que receberdes esta minha carta, façais com toda a exação e brevidade as diligências que se contêm na

Retrato de D. João V



memória inclusa, e sobre esta matéria assim vós, como os vereadores que vos sucederem respondereis a tudo o que vos perguntar o conde de Villar-Maior, secretário das conferências, que mandei estabelecer para a composição desta História: para o que mandareis registrar esta carta nos livros dessa Câmara. Escrita em Lisboa Ocidental a onze de janeiro de mil setecentos e vinte um. REI.

(António Joaquim de Gouveia Pinto, *Resumo cronológico de vários artigos de legislação pátria*. Lisboa, 1818)

A fim de dar cumprimento a esta ordem, a Câmara nomeou José Cardoso Borges, sargento-mor de Bragança, escrivão da Câmara Municipal da mesma cidade e fidalgo da Casa Real, o qual, logo passou a recolher, no cartório do município, a documentação relativa à história da cidade. Cardoso Borges, porém, foi desenvolvendo esse trabalho, solicitando ainda as mais diversas informações a portugueses e espanhóis, no sentido de esclarecer as dúvidas que lhe surgiam. O seu labor, que se desenvolveu entre 1721 e 1724, acabou por dar origem a um conjunto de “notícias” sobre Bragança, que designamos por *Memórias de Bragança*, as quais, agora, pela primeira vez se publicam.

Este trabalho, que agora apresentamos, não se limita a publicar as *Notícias* ou *Memórias de Bragança*. Tornava-se necessário, com efeito, para além da explicação da sua génese, chamar a atenção para a sua importância no contexto da época, e para os principais temas abordados pelo texto de Cardoso Borges, em ordem à sua melhor inteligibilidade e compreensão do seu carácter inovador.

Por outro lado, estas *Memórias*, pelo simples facto de constituírem, fundamentalmente, uma compilação de *notícias*, nem sempre conseguiram ordenar, cronológica ou tematicamente, a variada informação que regista – para já não falarmos nas “advertências” que surgem no final –, e que atentam contra a leitura global do códice manuscrito.

Finalmente, não podíamos deixar de chamar a atenção para os aspetos mais importantes da Bragança setecentista...desse burgo trasmontano, onde todos os habitantes se portavam “com luzimento”, “todos de espírito altivo e generoso, de claro engenho”, sendo os homens propensos ao serviço militar – o mesmo “foi nascer honrados que ser soldados” – e as mulheres de honestidade irrepreensível – não se esquecendo Borges de mencionar que se referia ao sexo feminino “bem alinhado”.

Por tais motivos, resolvemos elaborar um estudo introdutório às *Memórias de Bragança*, no qual, para além da análise crítica desta excepcional fonte, iremos abordar a população, a organização político-administrativa, militar e eclesiástica, a economia, a sociedade, os vestígios arqueológicos do concelho – uma vez que esta fonte, em atenção à proteção que a Academia passou a dar aos monumentos arqueológicos, revela-se, sob este aspeto, pioneira –, a estrutura urbana, e, finalmente, as mentalidades.

Assim, o trabalho que agora se publica encontra-se dividido em duas partes, a primeira que diz respeito ao estudo introdutório que acabamos de referir, e a segunda contendo a transcrição do manuscrito de José Cardoso Borges, precedida de uma nota explicativa dos critérios de transcrição e adaptação do texto original.

Seguem-se as fontes e bibliografia consultadas para a elaboração deste trabalho, um resumo da obra em inglês, e um índice analítico de carácter essencialmente toponímico e antroponímico, indispensável numa obra desta natureza, dada a riqueza e diversidade, a este nível, que Cardoso Borges imprimiu ao seu manuscrito, onde apresenta detalhadas genealogias e a descrição geográfica e topográfica da cidade de Bragança.

Resta-nos agradecer a todos aqueles que, com as suas achegas e críticas, contribuíram para este trabalho, nomeadamente à dra. Ana Cristina Almas e ao professor José Marques.

Finalmente, um agradecimento muito especial ao Presidente da Câmara Municipal de Bragança, engenheiro Jorge Nunes, pelo patrocínio que concedeu ao CEPESSE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, e que tornou possível este trabalho, a demonstrar, mais uma vez, que, na sua política de renovação e modernização da cidade, desenvolvida ao longo dos seus mandatos, nunca descurou a matriz cultural, de forma a reforçar a identidade desta cidade lidimamente portuguesa, mas cada vez mais europeia.

MEMÓRIAS DE BRAGANÇA

Edição

Câmara Municipal de Bragança

Coordenação

Fernando de Sousa

Autoria

Bruno Rodrigues

Cátia Ferreira

Diogo Ferreira

Fernando de Sousa

Filomena Melo

José Augusto de Sotomayor-Pizarro

Luís Alexandre Rodrigues

Maria da Graça Martins

Paula Barros

Ricardo Rocha

Virgílio Tavares

Tradução

Ricardo Rocha

Direção Gráfica

Armando Alves

Pré-impressão

A. Alves – Arte e Edições, Lda.

Impressão

???????

Tiragem

1000 exemplares

ISBN

978-989-8344-15-1

Depósito Legal

[o impressor tem de pedir]

© Todos os direitos de autor reservados ao CEPESÉ

Janeiro de 2012

Fundou esta Cidade segundo a tradição geral
recebida, Brigo quarto Rey de Hespanha, 406 annos
depois do Diluvio, que é ao 2056 da creação do Mundo
& 2906 antes do Nascimento de Christo. Senha N.^o
Segundo a computação daq. fazeyra nasce ao 3962.

De Brigo o seu fundador tomou o nome de Bri-
gancia; em escripturas antiquissimas a vejo com o de
Brigancia, Bregancia e Braganca, e a fim se corrompeo
em Braganca. Ha quem diz que reedificando Julio Cesar,
e sendo estimada dos Romanos se chamava Cidade de
Cesar, e Briga-Casari, que se corrompeo em Braganca;
tendo ateo o seu tempo o de Briga. Flaviano Augusto,
q. a enobrecio com grandes Privilegios se impo o nome
de Julia em memoria de seu Pae Julio Cesar, e a fim
parese q. de seu fundador e reedificador se chamou

Julio-briga. Nome q. tambem antigamente teve com a
escriptura m. egripiissimas Autores. Agora ham Kortelio no
Thezouro Geografico Verbo Brigancia diz Nunc Julio-
Briga, elle parece na palavra Deo-Briga erradamente
escripta em Ptolomeu, por devia de dizer Julio-Briga,

Os Latinos he deão o de Calio-briga; e parece
que attendendo a antiga denominação de Julio-briga
e formariao com a breviatura de C. Julio-Briga;
tambem alguns he daõ o de Calio-briga, mas entendo
q. este nome he acomodaticio, pelo clima daquelle em
desta Lid. esta fundada, aq. parece q. he tambem
aluzão as suas Armas.

Tem por Armas Escudo aberto em pala: no
quatro a: Quinas deas, e se entende que El Rey
D. Sancho q. a donou com d. de novo a povoou
em 1187, com grandes foyas e privilegios; Ou em 1192
q. deo nobre. m.adores, de desempenhando as suas
obrigações no apertado sitio que he foyrao pelo os